



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)**  
**ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA (EDTM)**  
**DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA (DEMUL)**



**Conversa Fiada – o bordado enfeitando vidas**

Disciplina: TCC

Professor Orientador: **Dr Célio Macêdo**

Linha de Pesquisa a qual se vincula (área):

**Museologia, Artes e Memória**

Discente: Marizabel Vieira Pacheco

**Matrícula: 16.2.5996**

Ouro Preto, MG

Dezembro de 2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)**  
**ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA (EDTM)**  
**DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA (DEMUL)**



**Conversa Fiada – o bordado enfeitando vidas**

Disciplina: TCC

Professor Orientador: **Dr Célio Macêdo**

Linha de Pesquisa a qual se vincula (área):

**Artes e Memória**

Discente: Marizabel Vieira Pacheco

**Matrícula: 16.2.5996**

Ouro Preto, MG

Dezembro de 2020

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P116c Pacheco, Marizabel Vieira .  
Conversa fiada - o bordado enfeitando vidas. [manuscrito] / Marizabel  
Vieira Pacheco. - 2020.  
50 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Celio Macedo Alves.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola  
de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Trabalho em tecidos - Bordado. 2. Patrimônio cultural. 3. Artesãs. I.  
Alves, Celio Macedo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Marizabel Viera Pacheco**

**Conversa fiada: o bordado enfeitando vidas**

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 23 de Abril de 2021

### Membros da banca

Professor Doutor Fábio Adriano Hering (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Professora Doutora Mannuella Luz  
Professor Doutor Célio Macedo Alves (Universidade Federal de Ouro Preto)

Célio Macedo Alves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/05/2021



Documento assinado eletronicamente por **Celio Macedo Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/05/2021, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0175329** e o código CRC **92853F03**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.005220/2021-50

SEI nº 0175329

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - www.ufop.br

## **Agradecimentos :**

**Agradeço à Vida, não foi fácil chegar até aqui!! À criança que fui, feliz e livre – acabaram resultando no que sou hoje. Aos meus ancestrais e a todas as pessoas do bem que atravessaram meu caminho.**

**Agradeço ao meu caro professor e orientador, Célio Macêdo; ao professor Fábio Heringer e à bordadeira e professora Mannuella Luz- meus convidados; ao Grupo Mulheres de Fibra e, em especial, à coordenadora Sarah Macfaden; à professora Ana Célia e às bordadeiras da FAOP, especialmente, à Conceição Romualdo e Dona Helena. Agradeço, ainda, às amigas Dona Zinha, Jaque e lany – onde pude dormir na época do curso.**

**Agradeço ao Francisco, meu melhor amigo.**

**Agradeço a todos os meus colegas da turma 2016 pelas contribuições em sala de aula, alguns nos deixaram antes do fim do curso, como Paulo e Henrique – mas a lembrança deles e de Ana Lúcia estará conosco. À Mara, Juliano e Helena – com quem tive mais contato. Em especial, à Mara – que me salvou muitas vezes. Sou grata também às gentilezas do Marcus Lamorier, secretário do Departamento de Museologia.**

**E às escorregadias pedra-sabão.**

**“Deus existe mesmo quando não há” – Guimarães Rosa**

Marizabel Vieira Pacheco dezembro/2020

## **Resumo :**

Como extensão das pesquisas acadêmicas realizadas durante o curso de Museologia e das observações e apontamentos do Estágio Supervisionado I, este TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) visa a apresentar o bordado da Região dos Inconfidentes, Minas Gerais, como herança cultural europeia, iniciada com a chegada e permanência das esposas dos colonizadores nos anos do séc. XVIII. Além de refletir as relações culturais entre as mulheres e o bordado, esta pesquisa destacou dois grupos da região: o Mulheres de Fibra e o grupo da FAOP (Fundação de Artes de Ouro Preto). A pesquisa aponta e estuda os motivos por que o bordado da região foi recentemente elevado à categoria de Patrimônio Cultural Imaterial pelos órgãos municipais, fundamentando-se principalmente nos teóricos Jacques Le Goff, José Reginaldo Santos Gonçalves e Marcel Mauss – destacando o Grupo Mulheres de Fibra, de Cachoeira do Campo. O Grupo de bordado da FAOP traz a importância da relação de amizade entre as bordadeiras, tratada como dimensão patrimonial, inclusive, no presente e a estreita relação entre o bordado e a memória, com argumentos dos teóricos Mário Chagas, Marília Xavier Cury e Cláudia Chagas, entre outros. Como conclusão desta pesquisa, são apontadas ações que buscam a divulgação e a salvaguarda dos bordados da Região dos Inconfidentes.

Palavras-chave: bordado, patrimônio, mulheres

As an extension of the academic research carried out during the Museology course and the observations and notes Supervised Internship I, this TCC (Course Conclusion Paper) aims to present the embroidery of the Inconfidentes Region, Minas Gerais, as a European cultural heritage, started with the arrival and permanence of the colonists wives in the 20th century. XVIII. In addition to reflecting the cultural relations between women and embroidery, this research highlighted two groups in the region : the Women of Fiber and the FAOP group (Ouro Preto Arts Foundation). The research points out and studies the reasons why the region-s embroidery was recently levated to the category of Intangible Cultural Heritage by Organs municipal bodies, based mainly on theorists Jacques Le Gof, José Reginaldo Santos Gonçalves and Marcel Mauss – highlighting the Grupo Mulhers de Fibra, from Cachoeira do Campo. The FAOP embroidery group brings the importance of the friendship relationship between the embroideres, treated as a patrimonial dimension, including, in the presente and the close relationship between embroidery and memory, with the arguments of theorists Mário Chagas, Marília Xavier Cury and Cláudia Chagas, among others. As a conclusion of this research, actions that seek to disseminate and safeguard the embroidery of the Region of the Inconfidentes are pointed out.

Key words : Embroidery, patrimony, women

**Lista de Ilustrações :**

**Foto 1 – bordadeira oferecendo as linhas para bordar (pág. 16)**

**Foto 2 – bordado da aluna da FAOP, Marizabel Vieira Pacheco (pág. 44)**

**Foto 3 – aluna da FAOP bordando (pág. 44)**

**Foto 4 – bordados das alunas da FAOP (pág. 45)**

**Foto 5 – Grupo de Bordado Mulheres de Fibra, formação 2016 (pág. 45)**

**Foto 6 – Bordado da artista-plástica Sarah Macfaden (pág. 45)**

**Foto 7 – Bordado da artista-plástica Sarah Macfaden (pág. 46)**

**Foto 8 – Bordadeira Dona Helena, aluna da FAOP (pág. 46)**

**Foto 19 – bordado da aluna Dona Helena, da FAOP (pág. 47)**

**Foto 10 – bordado da artista-plástica Conceição Romualdo (pág. 47)**

**Foto 11 – Cartaz da exposição organizada pela FAOP de uma parte das obras de Conceição Aparecida Romualdo Magalhães**

**Foto 12 – Foto da artista-plástica Conceição Aparecida Romualdo Magalhães**

## **Sumário :**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>pág. 10</b>
<b>CAPÍTULO 1:</b>	
<b>As mulheres e o bordado .....</b>	<b>pág. 13</b>
<b>CAPÍTULO 2:</b>	
<b>2.1 O bordado do Grupo da FAOP .....</b>	<b>pág. 18</b>
<b>2.2 Arte-Terapia.....</b>	<b>pág. 21</b>
<b>2.3 Bordado e Memória.....</b>	<b>pág. 29</b>
<b>2.4 O Bordado como expressão artística.....</b>	<b>pág. 33</b>
<b>CAPÍTULO 3:</b>	
<b>O Grupo Mulheres de Fibra: o patrimônio no bordado .....</b>	<b>pág. 35</b>
<b>CONCLUSÃO : .....</b>	<b>pág. 41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>pág. 43</b>
<b>ANEXO : .....</b>	<b>pág. 47</b>

## **Introdução**

O bordado está com tudo e não está prosa!

Como um espiral do tempo, as artes manuais sempre são lembradas e reverenciadas de tempos em tempos, de camada por camada. O bordado, arte manual majoritariamente exercida pelas mulheres – foi visto desfilando nas passarelas de moda mundo afora, assinado por coletivos de mulheres e por estilistas de grande fama. Recentemente, esta arte manual passou a ser bandeira de protesto de vários grupos feministas; passou a ser atividade remunerada predileta de jovens nos aplicativos e vídeos do *youtube*; e a ilustrar livros, como as artistas do grupo *Matizes Dumont*, que assinam pela Companhia das Letras.

Esta prática manual vem crescendo nos últimos anos dentro dos equipamentos culturais, com exposição dos trabalhos dos grupos de bordadeiras. Por exemplo, as rodas de bordado sempre fazem parte da programação festiva dos espaços museológicos, como as oficinas de arte-educação na Semana dos Museus e Primavera nos Museus. São crescentes também os cursos e workshops oferecidos, inclusive, por convidados com muitos anos de experiência na prática de bordar e pesquisadoras da área – o bordado vem, assim, ganhando novos admiradores e sendo cada vez mais disseminado

Também em outros locais, muitos grupos de bordados estão se formando. Nos encontros com fins terapêuticos, nas associações de bairros, nas tardes nos museus – muitos são os motivos que levam as mulheres a se expressarem, levantarem e ecoarem sua voz – através da prática de bordar.

A seleção por este tema deu-se porque na minha família tenho mãe e tias bordadeiras, além de ser aluna do grupo de bordado da FAOP há muitos anos. Como forma de mapear a memória, minhas tias e mãe guardam latas com linhas de bordado, peças de enxoval, adereços para casa, como toalhas, panos de prato – as linhas são como as veias e artérias,

levam sangue, emoção, mágoa, alegria. Esses patrimônios materiais que minhas ancestrais guardam sempre foram desculpa para que elas falassem sobre determinados assuntos tabus, como separação, decepção, também ternura, projeção, tradição e afeto, enfim, lembranças, memórias afetivas – como disse BOLLE (1984), dela é que depende nossa identidade.

Além de ter sido aluna por muitos anos do grupo de bordado da FAOP, cumpri o Estágio Supervisionado I neste espaço. A Fundação de Artes de Ouro Preto também é local *do fazer museológico*, uma vez que vários saberes tradicionais são cultivados, recontados e repassados nas aulas. Entre as bordadeiras há também *qualquer coisa* de pertencimento, um gosto, uma pele - as aulas são como um afago, um carinho no tempo.

A metodologia para cumprimento deste Trabalho de Conclusão do Curso deu-se observando as aulas, as semelhanças entre as bordadeiras mais idosas, a maneira como elas eram procuradas pelas mais jovens e como se dava essa parceria – e a maneira como chegaram até ali. Durante os anos como aluna, notava também a relação entre as bordadeiras pacientes dos Centros de Atendimento Psicossocial e as que frequentavam as aulas por outros motivos, ou seja, vontade própria. Aquelas também procuravam seu lugar no mundo, ou um lugar ao sol, literalmente, já que os raios de sol que entravam pelas janelas e vidraças da sala de bordado da FAOP eram disputados com muita graça – aquelas cenas congelaram na minha memória, felizmente. Como parte da metodologia, as conversas fiadas envolviam todo mundo na sala e de repente um comentário saudosista destacava-se, era como um suspiro mais longo e sonoro. Estes suspiros sonoros foram dando liga ao bordado como forma de preservar a memória.

Em 2016, idealizei e dirigi um documentário *Conversa Fiada – o bordado enfeitando vidas*, as entrevistas na ocasião também compuseram indiretamente este TCC – daí os trabalhos acadêmicos apresentados no curso de Museologia tratarem quase todos sobre bordado, haja vista minha pesquisa.

No primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão do Curso, traço a estreita relação entre as mulheres e a técnica de bordar. A arte manual chegou em território mineiro nos primórdios do século XVIII com as mulheres que acompanharam os primeiros povoadores do território, ora transmitida como passatempo pelas ricas senhoras, ora como ofício ajudando na manutenção das despesas de famílias menos abastadas. Bem se vê que o bordado para estas mulheres simbolizava o amor e a promessa de matrimônio. Os enxovais eram preparados

com anos de antecedência e, de preferência, pelas mãos da futura esposa – o ritual de bordar as peças do próprio casamento, que seriam usadas posteriormente no lar era um enlace de fidelidade e lealdade antes, durante e após a celebração do matrimônio. Como este saber-fazer é uma herança cultural advinda da colonização portuguesa, foram trazidas as publicações de teóricos, como Ruth Benedict, Cláudia Chagas, Maria Roseli Souza Santos e Maísa Ferreira de Souza.

No segundo capítulo, busquei apresentar o grupo de bordado da FAOP (Fundação de Artes de Ouro Preto) como um grupo que se fortalece e se familiariza a cada novo encontro. Nas ricas horas de bordado, as mulheres de gerações, profissões e situações financeiras diferentes buscam afinidades e o fortalecimento dos laços afetivos. São nesses encontros que as bordadeiras mais idosas se sentem queridas e vêm o seu saber, sua experiência de vida e sua prática manual orientarem as bordadeiras mais novas, isto é, as mulheres idosas se sentem úteis, porque transmitem o conhecimento que gerações mais novas costumam desconhecer, como os próprios pontos de bordado – é quando o verbo lembrar é conjugado. As aulas de bordado da FAOP são também reconhecidas como arte-terapia, valendo-se como recomendação de muitos profissionais da saúde de Ouro Preto. Além de outros adjetivos, os encontros de bordado são reveladores de expressão artística. O teórico Mário Chagas, entre outros, fundamentou este capítulo.

Encerro esta monografia com o bordado como Patrimônio Cultural de toda Região dos Inconfidentes. Para tal, apresento a técnica e a inspiração do Grupo Mulheres de Fibra, de Cachoeira do Campo, coordenado e idealizado pela artista-plástica Sarah Macfaden. As peças do Grupo Mulheres de Fibra são verdadeiras representações do relevo da região, da paisagem cultural e dos bens de ‘pedra e cal’ de Ouro Preto e distritos – o subjetivo patrimônio reverbera nas paisagens bordadas pelo grupo e na comunidade que o elege. A teórica Regina Abreu destacou a importância dos grupos sociais para selecionar e proteger seus patrimônios e, ainda, os teóricos Le Goff e Reginaldo Santos Gonçalves ensinaram a pesquisa do bordado como documento e atravessamento.

Da procura pelo bordado como bandeira de protesto e afirmação, da procura pelo bordado desviando da depressão, da procura pelas amigas, chegando à arte de bordar como força maior, mulheres se reúnem, riem, festejam, compartilham, rezam e abastecem a vida com esperança, coragem e amor – enfeitando vidas.

## Capítulo 1 - As Mulheres e o Bordado

*“Me poupa do vexame de morrer tão novo, muita coisa ainda quero olhar”*

(Pavão Misterioso, Ednardo)

O bordado vem de longa data, atravessou séculos e a distância geográfica. Na Bíblia, por exemplo, já havia citações sobre os mantos ricamente bordados dos conquistadores. Já, na Idade Média, o clero também exigia relevo entre as classes com suas túnicas bordadas e requintadas.

Na Mitologia Grega, a esperta Penélope, esposa fiel de Ulisses, dado como morto na guerra, bordava infinitamente sua manta durante o dia para desfazer tudo à noite, ponto por ponto – com o único propósito de recusar os pretendentes a marido, alegando que só se decidiria pelo noivo quando sua manta estivesse, enfim, pronta. A deusa Ariadne deu a Teseu um novelo de lã para que ele e o filho Ícaro desenrolassem o fio para encontrarem a saída do labirinto e escaparem do temível e indomável Minotauro.

O bordado chegou em Minas Gerais nos primórdios do século XVIII, com as mulheres que acompanharam os colonizadores portugueses e paulistas. A técnica foi, assim, passada de geração a geração chegando aos dias atuais. Hoje a maior parte dos que bordam ainda são mulheres – que acabaram por tornar este saber também um ofício, promovendo a beleza do bordado e gerando renda para o sustento familiar.

Bordar, assim como costurar, sempre esteve atrelado aos afazeres domésticos, fazia parte das qualidades femininas e era condição *sine qua non* para casar. A mulher que se encaixasse nas normativas para ser boa esposa dominava as tarefas de bordar e costurar, além de administrar outras obrigações da casa, principalmente, da cozinha, e de ser uma boa mãe - sua ocupação foi assim definida como ‘do lar’, a mulher era considerada apenas uma extensão da casa.

As artes manuais, ou seja, cozinhar, cozer, bordar contribuíram para a boa formação das mulheres - que viviam sob o regime do patriarcado, isto é, nunca estavam na condição de protagonistas, ao contrário, sempre coadjuvantes no território do seu próprio cotidiano. Os saberes manuais eram vistos como menores, inferiores, enquanto os saberes intelectuais eram relacionados às classes superiores – ainda não o são ? - uma perfeita representação da

condição feminina naqueles primeiros séculos dos territórios brasileiros recém-colonizados, especialmente nas Minas Gerais e no Centro-Oeste. A situação era de completa submissão ao esposo e a todas as consequências do casamento. Enquanto os maridos eram tratados como os mantenedores da casa, trabalhavam fora, eram altivos, imponentes - as mulheres eram cabisbaixas, silenciadas, ficavam no ambiente interno, cuidando da família e dos afazeres domésticos, e os próprios meios social, econômico e religioso traçavam estratégias de desvalorizar a vivência feminina, tornando a mulher uma figura cada vez mais aderente à casa, aos assuntos exclusiva e internamente ligados ao lar – sempre numa condição inferior. Até o gesto de bordar exige que o corpo todo trabalhe para dentro, ‘centrado’, gestos mínimos, contidos, poucos movimentos, silêncio, cabeça baixa, recato, concentração, a capilaridade chegava aos dedos das mãos e estes se centravam no ventre - região feminina próxima de onde os bordados sempre estavam, próxima de onde a vida é perpetuada. À mulher não era permitido gestos largos, braços dançando no ar, gesticulando com liberdade, risadas sonoras, vozes libertas. A mulher seguia uma fôrma. Era a padronização da mulher. Os artefatos, neste caso, o bordado era um agente social que promovia a obediência, assim como as outras tarefas manuais.

A obediência a esse regime legitimado pelos homens, isto é, pais, maridos, filhos, irmãos - acabou fazendo com que as próprias silenciadas reproduzissem essa condição. Ruth Benedict nos lembra, em *Ciência do Costume*:

A história de vida de um indivíduo é primeiro e antes de tudo uma acomodação aos padrões tradicionalmente transmitidos em sua comunidade. Desde o momento de seu nascimento, os costumes em que ele nasce dão forma à sua experiência e ao seu comportamento. Quando chega a falar, ele é a pequena criatura de sua cultura, e quando cresce e pode tomar parte nas atividades dessa mesma cultura, os hábitos dessas são os seus hábitos, suas crenças são as suas crenças, suas impossibilidades são as suas impossibilidades. (1970, p. 498)

Assim, gerações sucessivas de mulheres foram objetificadas e invisibilizadas, porque elas também alimentavam esta cadeia de tradições machistas de que nos lembra Benedict. Esse *status quo* gerou discípulas obedientes aos costumes caseiros. Como diz Maísa Ferreira de Souza:

Durante o século XIX e parte do século XX, a prática do bordado era vista pela sociedade como um indício de que a mulher era virtuosa e, conseqüentemente,

seria uma boa esposa e mãe. Nessa época, a imagem da bordadeira evocava toda a harmonia da vida familiar que se desejava (2012, p. 11)

Elas, então, destacavam-se nas prendas da casa, costurando e bordando como passatempo, além de reafirmarem sua identidade e suas tradições culturais no tecido. A imposição às técnicas do lar fez das mulheres grandes conhecedoras dos assuntos e práticas ligadas a esse ambiente. Inclusive, o bordado, o ato de escolher e preparar tecidos, linhas, agulhas e riscos conduziam as mulheres a um estado de espírito de calma, tranquilidade e aceitação da condição de inferioridade a que eram impostas o tempo todo. A verdade é que o bordado também domesticava o olhar feminino da época e, ao mesmo tempo, eram os riscos, o tecido, as linhas e as agulhas seus aliados, um afago na lida do cotidiano – em que o marido estava quase sempre ausente. É fato que tinham para com as peças que demoradamente bordavam um sentimento de cumplicidade nos bons e maus momentos de desenvolvimento do afeto, trocando confidências, exprimiam-se no tecido, era o confessionário de suas angústias e de seus silêncios. Assim, o bordado serviu como testemunha das narrativas femininas, “Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história” [Fustel de Coulanges, 1901, apud Le Goff, 1984, p.5]. Então, os bordados revelam uma época, é um documento a ser lido pelo leitor/receptor, porque eram a matéria palpável que estas mulheres produziam, a prova física de que existiram e do que enfrentavam em seus lares, uma espécie de caneta, lápis sobre o papel – já que muitas não sabiam ler e escrever – os bordados eram, portanto, a cartografia feminina desses tempos. Ali imprimiam uma representação do que eram e garantiam a historicidade do objeto produzido.

Mulheres que carregam a herança de suas tradições como identidade e sinal de pertencimento a um grupo cultural. [...] uma herança trazida da Europa o costume de marcar os panos com pontos de bordados. O bordado trazendo marcas de si, marcas de mulheres, das identidades engendradas no duro cotidiano de um tempo de precariedades. (FERREIRA, 2014, apud STIMAMIGLIO, 2010, p. 23)

Assim, o tecido entre mãos serviu ao universo feminino, as mulheres bordavam porque gostavam e produziam lindas peças para enfeite da casa, como fronhas, lençóis, passarelas. Reconheciam nas peças o alicerce do casamento, da família e promoviam identidades com a peça têxtil. Benedict postula que “Não é possível que nos desembarcemos de um traço humano tão fundamental” (1970 pág.501). Então, as mulheres projetavam nesses tecidos

suas expectativas amorosas em relação ao casamento, os detalhes bordados eram romantizados com coração, flores, alianças, tudo que depreendesse amor – mostrando o casamento como uma instituição almejada, invejada, bem-sucedida e inabalável.

E assim como os corpos, os bordados podem ser costurados, emendados, unidos, separados, podem ser coloridos ou de uma cor. Penso ainda que os bordados convertidos em linguagem são como metonímias do contexto de que foram tirados, ganham vida própria, contam sobre um lugar e uma história a eles ligados. (CHAGAS, 2007, pág. 9)

Assim, era possível ler os bordados, decodificar os desenhos, os ensejos femininos da época. Ainda, para Chagas (2007, pág. 9), “A mulher usa como linguagem as relações de correspondência entre palavra e imagens”, então, não havia necessidade de palavras, pois os bordados eram expressões de sentimentos, como amor, solidão, fidelidade e saudade. Até o romantismo presente nas peças de bordado vem da condição de subserviência a que elas estavam acostumadas, moldadas pelo patriarcado. Sim, a mulher apenas mudou de dono : na falta do pai, passou à posse do irmão, depois trocou de estado civil e recebeu o sobrenome do marido. Para Cláudia Chagas,

“(…) as mulheres deixavam suas marcas nos cotidianos vividos, com as ações praticadas. E, elas caladas durante muito tempo, foram descobrindo que tinha muito a dizer sobre suas vidas e o vêm fazendo de diversas formas, inclusive bordando, como já antes faziam” (2007, pág. 4 )

Assim, estacionavam quaisquer intenções de autonomia, desafios fora do lar - resignavam-se e destacavam potencialidades na comida e nas atividades manuais, estando ali a alquimia libertadora feminina, como o bordado. Era assim que elas saiam da condição de inferioridade, de humildade e resistiam – davam o melhor de si nas tarefas a que eram submetidas, uma vez que o lar era marcadamente machista. O bordado era um desses respiros, alívios ou até gozo. Já aquelas mulheres que viviam em condições sócio-econômicas muito inferiores - as técnicas do lar, como lavar, passar, costurar e bordar para fora ajudavam na manutenção das despesas da casa e da família. Destarte, havia dois vieses no bordado, o sustento da família e a arte manual como passatempo das esposas.

Então, os saberes e ofícios culturais eram vivenciados, construídos e repassados entre os afazeres do cotidiano, na lida humana, ou seja, ainda que não encontrassem respaldo, ainda que não reverberassem no meio machista das sociedades da época – ainda que representassem a base da pirâmide de valor dentro da casa e as projeções masculinas se

encontrassem no topo – esses conhecimentos foram tecnologicamente repassados e chegaram aos dias atuais. Como diz Maria Roseli Souza Santos (2005, pág.1):

Os saberes culturais, então, são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo.

Portanto, os conhecimentos que essas mulheres anônimas traziam foram resistindo, sendo ressignificados e chegaram aos dias atuais.

Esse contingente de mulheres capazes, entendedoras e, ao mesmo tempo, inferiorizadas ‘pertencia a uma resistente raça anã teimosa que vai um dia, talvez, reivindicar o direito ao grito’ – Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*, ao se referir à Macabéa, morta na calçada, (1999, pág.80)

Principalmente, com a revolução digital as mulheres deram um jeito de reler seus ‘pontos fracos’, repensando sua condição na hierarquia familiar, fazendo emergir seus talentos, vendo brotar suas bandeiras, buscando a cidadania a que todo ser humano tem direito.

## Capítulo 2:

### 2.1 O bordado do Grupo da FAOP

*“Eu seguro a minha mão na sua,  
Você segura sua mão na minha,  
Para que juntas possamos fazer  
O que eu não posso fazer sozinha”*



O grupo da FAOP (Fundação de Artes de Ouro Preto) é formado, exclusivamente, por mulheres, geralmente, acima de 60 anos. Há raras alunas mais novas. A maioria é aposentada, com condições sociais e econômicas diferentes. As alunas são todas residentes em Ouro Preto e quase sempre as mesmas ao longo dos anos.

A professora de bordado da FAOP é a artista-plástica Ana Célia Teixeira. Formada pela Escola Guignard, Ana Célia frequentemente oferece cursos nos Festivais de Inverno de Ouro Preto e Mariana. Suas alunas têm por ela grande estima, por exemplo, em todos os aniversários de Ana Célia, as alunas se juntam, compram-lhe um presente e organizam uma pequena confraternização. As rodas de bordado acontecem uma vez na semana, quase todos os anos na terça-feira. E, desses rápidos encontros semanais que costumam durar em torno de 3 horas, todas saem mais felizes.

Todos os semestres, a professora propõe um novo tema às aulas e as participantes opinam, sugerem com insistência ou acanhadas, isto faz com que seja um processo colaborativo e, no final, é uma grande festa, porque é mais uma produção de bordado terminada. Juntas, já bordaram vários painéis, como a bandeira do Brasil, ressaltando a fauna e a flora brasileiras; no outro semestre bordaram a riqueza da Estrada Real com sua diversidade cultural; no seguinte inspiraram-se no aniversário de Vinícius de Moraes, Bordado do Afeto e por aí vai. No fim do semestre, há uma exposição dos trabalhos das alunas, o evento conta também com apresentações de música, teatro, poesia, etc.

As alunas se reúnem também fora do calendário das aulas, por exemplo, no aniversário de cada uma delas – estreitando assim os laços de amizade e partilha.

Nos encontros na FAOP, as mulheres do bordado dividem suas angústias e inseguranças, falam dos problemas do cotidiano, das alegrias do dia a dia, compartilham receitas culinárias, opinam sobre política e sobre os políticos, rememoram muitos momentos alegres e tristes do grupo, por exemplo, o cruel assassinato da artista plástica Guiomar Anastácia da Silva, na ocasião, com 72 anos - há 8 anos. Bordadeira e pintora ‘de mão cheia’, nos encontros na FAOP, Guiomar praticava em quase total silêncio seus saberes culturais, interagia mais com seu bordado do que com as demais alunas. O silêncio de Guiomar, o sorriso, a calma nos olhos, davam colo a quem quer que se aproximasse. *A arte de perder* Guiomar é um mistério, sim. Uma sombra.

A maturação afetiva dá-se em poucas aulas. Logo no primeiro mês, trocam telefones, montam grupo de *zap*, a interação entre as alunas é tanta que parece que se conhecem há anos. Quando alguma participante se afasta por quaisquer motivos, como Joana que precisou ficar um bom tempo em Campos, Rio de Janeiro, com a filha – seu nome é sempre lembrado na aula com saudade.

O grupo de bordado passa a ser um alento, em que convergem os desabafos - as participantes sempre procuram se ajudar, sempre ouvindo e solidarizando-se umas com as outras. Como bem disse o museólogo Mário Chagas quando descreveu o Museu Vivo de São Bento: “A comunidade também é afetada e é com ela que se divide a experiência vivida. É com ela que se partilha a alegria e a tristeza de viver e estar vivo” (CHAGAS, 2015, pág. 190). É bem assim que se relacionam as bordadeiras. Muitas vezes, as viagens em grupo acabam aproximando mais as alunas e proporcionando novas descobertas sobre a técnica. Todas as viagens têm objetivo de apreciar novas perspectivas de bordado, como as viagens feitas a Barra Longa e Tiradentes, por exemplo, agregando sempre inspiração ao grupo.

Esta técnica manual trabalha a união e no processo de aprendizado muitos saberes culturais são compartilhados, por exemplo, na colcha com bordados comuns. Para Regina Abreu (2010, pág. 65) “Preservar o diverso, o diferente, o singular passou a ser um exercício de proteção à diversidade das culturas em um mundo com tendência crescente à homogeneização”. Preservar o diverso, o diferente é também um exercício de alteridade –

então, quando todas bordam um tecido comum, todas as perspectivas, todas as identidades procuram dialogar num tecido único. É um exercício de paciência e escuta com que as bordadeiras já estão acostumadas no grupo da FAOP.

As alunas pesquisam, bordam os quadros e depois todos são costurados formando um só trabalho, como no filme *Colcha de Retalhos*. Como frequentadora do grupo por vários semestres, nunca experimentei outra sensação tão prazerosa das ladeiras de Ouro Preto. Para mim, que sou de outra cidade, me sentia pertencida àquele grupo, as bordadeiras mais velhas tinham muito a ensinar, e eu muito a aprender. Havia amadurecimento nas relações, conforto, a terapia do abraço acontecia em toda aula, porque todos se abraçavam. Fiz várias amizades que ainda hoje, mesmo como ex-aluna, me confortam e me trazem o sentido de pertencimento ao grupo, apesar de não frequentar mais as aulas da FAOP há alguns anos. A foto da cesta com as linhas ofertadas por uma colega do grupo traduz esse sentimento comum entre as bordadeiras da professora, união. Não se trata apenas do bordar, mas de bordar em grupo.

.

## 2.2 – Arte-terapia

*“Tu te tornas eternamente responsável pelo que cativas”*

*(O Pequeno Príncipe)*

Em Belo Horizonte, no ano de 1991, muitas mulheres ocuparam por 30 dias as escadarias da Igreja de São Pedro, bem no centro urbano. Elas queriam que fossem retomadas as negociações para a compra do terreno para onde se mudariam e, assim, teriam um teto para chamar de seu. Embora o Grupo Vila Marquinhas, da capital mineira, tenha formação e propósitos muito diferentes do grupo da FAOP, já que as bordadeiras daquela comunidade de Belo Horizonte perderam suas moradias, seus laços com os antigos vizinhos de porta a porta, portanto, perderam parte de suas memórias, enfrentando situações de humilhação, abandono e desespero – as mulheres participantes dos dois grupos tem uma cordilheira em comum. As Mariquinhas lutavam, principalmente, por casa própria e trabalho – muito do que dá dignidade às mulheres - e então resolveram contar em seus tecidos bordados à mão a história de suas vidas, lutas e aquisições. Cláudia Chagas disse em sua pesquisa que o bordado corrobora para a busca pela cidadania, e é este o desejo que realmente moveu As Mariquinhas. Inspirada por elas, Flávia Craveiro idealizou e organizou o livro *Narrativas Bordadas*, contando a trajetória das Mariquinhas e suas jornadas. Felizmente, ao longo dos anos, muitas bordadeiras do Grupo estão superando a depressão e conquistando direitos, como moradia e trabalho – através dos bordados e, principalmente, do bordado em grupo. O livro de Flávia mostra esse antes e o durante o bordado, isto é, as vitórias alcançadas pelo Grupo enquanto bordadeiras. Como uma das entrevistadas disse no livro “O pano é meu caderno, a agulha é meu lápis e a linha é a minha tinta” (2009, pág. 58). Essas Macabéas também se juntam ao contingente de tantas outras Macabéas. “A função da literatura é mesmo significar, produzir memória, nomear o presente, anunciar o futuro”, diz Eduardo José Tolental, (2004, pág. 07 )

Cláudia Chagas também pesquisou o Grupo da Vila Mariquinhas e reconheceu nesse processo coletivo a busca pela consciência da cidadania:

A relevância de trazer para o meu trabalho o testemunho e a parceria dessas mulheres, que têm como colaboração histórias reais, não diminui a responsabilidade nem a dificuldade de fazê-lo, mas sim de responder às expectativas delas que acreditam estarem assim eternizando seus trabalhos, suas histórias. Com a consciência do seu passado, o grupo avalia o presente e pensa, projeta o seu futuro. O bordado para o grupo não é apenas um suporte de

sobrevivência, mas uma possibilidade de luta por uma identidade e por uma vida comum. (2007, pág. 12)

Algumas bordadeiras do grupo da FAOP passaram por processos semelhantes aos das Mariquinhas, por exemplo, depressão e sintomas de crise ansiedade e de pânico que as levaram a se afastar do convívio social e, até, familiar - conseqüentemente, precisaram ser medicadas. Então, muitas dessas mulheres foram encaminhadas ao Caps de Ouro Preto.

O bordado é uma das artes aplicadas mais indicadas pelos terapeutas para o alívio dos sintomas sufocantes e angustiantes, já que nos encontros as bordadeiras aos poucos desabafam - as preocupações e aflições do cotidiano reverberam do individual para o coletivo – sentem-se ouvidas, ou seja, o peso nos ombros, nas costas é dividido e, conseqüentemente, têm-se a sensação de que os problemas não são tão famigerados se divididos. No ambiente de grupo, ou seja, no coletivo de bordado elas vão experimentando novas amizades, encontram consolação e seguem aliando-se umas às outras. É claro que é um processo, um longo processo. Como disse Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* “O real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe pra gente é no meio da travessia” (1983, pág. 49), bordar com o grupo é isto : revela a possibilidade de continuar sem interrupção, a travessia é que interessa.

Para Mário Chagas (2015, pág. 175), ainda que “dimensões patrimoniais da tristeza e da morte decorram de experiências plenas de subjetividades, elas só fazem sentido com a conexão com a vida social”. Por isso às pacientes do Caps importa estarem vinculadas ao grupo da FAOP, porque projeta uma relação com a vida da cidade, presentifica-se a perspectiva de pertencer de novo à sociedade. E, como em Ouro Preto há muitos eventos de manifestações culturais e turísticas, as bordadeiras pacientes do Caps querem de novo poderem interagir e aproveitar os eventos da cidade.

No grupo da FAOP, há um ambiente tão agradável que a professora Ana Célia, assim como as alunas concordam no quão bem faz o convívio com o grupo de bordado, tanto que raramente a FAOP abre vagas para outras participantes e, quando são ofertadas novas vagas, a disputa deixa as interessadas em estado de alerta.

Por isso já há alguns anos, algumas pacientes do Caps de Ouro Preto são direcionadas para o Núcleo de Artes, localizado no Bairro Antônio Dias. Essas participantes indicadas chegam pontualmente para as aulas, obedecendo ao comando do relógio, observa-se também uma

característica comum entre essas mulheres, a submissão. Algumas ficam caladas num canto da sala, outras, conversam pouco, brincam pouco e interagem pouco. Assim, muitas pacientes vão chegando e tentando uma reaproximação social através do grupo de bordado – e do grupo de bordado para com o mundo. É uma longa travessia, mas é perfeitamente possível. O grupo de bordado faz-se como uma ponte, dando acesso à vida cidadina. E, assim, elas não se sentem tão à deriva. Na *Cartilha do Patrimônio Imaterial*, do IPHAN, encontramos a descrição de Referências culturais, segundo FONSECA (2000, pág.20) “São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar”. Assim, o patrimônio também leva à união.

Então, pela perspectiva de Referência Cultural, de uma coisa é certa, as alunas da professora Ana Célia precisam do bordado, precisam se entregar ao bordado, precisam do grupo – é como se renascessem.

Que ninguém se engane – o processo de exclusão e de autoexclusão por que passaram essas mulheres dificulta muito a interação com outras pessoas. Por exemplo, nas viagens para outras cidades, como Tiradentes, poucas participam, por talvez não se sentirem ainda bem relacionadas com seus colegas.

Muitas passaram por situações limites, como violências, traumas por um período de luto – são situações traumáticas que o íntimo carrega, daí ficaram muito tempo numa espécie de tristeza profunda. Cláudia Chagas (2007) diz que as bordadeiras não estão ali só para darem continuidade à técnica, mas para gritarem seu posicionamento enquanto cidadãs, não aceitando só o que lhes é dado, mas indo à luta. Nessa lógica, o gesto de bordar para elas é a comunicação entre os dois mundos: do silêncio e de ouvir a própria voz, buscando o protagonismo de cada um. O fazer parte do grupo, em especial, do bordado apresenta-se como a inclusão à sociedade – elas se sentem importantes de alguma forma.

Aquele coletivo traz a sinalização da reaproximação com a vida social, é , a consciência do seu ser enquanto cidadã. Então, a coletividade do bordado torna-se um único bloco, pulsante, ao qual as bordadeiras pacientes do Caps estão inseridas:

É fora de si, no cotidiano, que ele se encontra e se faz construir. Torna-se sujeito particular quando se percebe como parte de um todo, um indivíduo na sociedade, e

torna-se sujeito histórico quando consciente do homem como ser genérico, quando percebe o genérico do ser humano presente no cotidiano e em si mesmo. É essa consciência que o torna propositivo e o leva à ação. Em síntese, ele deixa o particular, situa-se no coletivo e torna-se ser histórico. É a inserção no coletivo que o torna sujeito histórico. (CURY, 2009, pág 88)

Assim, elas vão saindo da invisibilidade, do anonimato social e vão tornando-se sujeito. Do encontro semanal com o grupo da FAOP, elas saem mais tranquilas, algumas pacientes do Caps são capazes de sorrir sem a indução dos remédios.

É um longo caminho até sentirem-se inseridas em qualquer meio novamente, inclusive, no grupo de bordado. Mas elas seguem firmes. Como disse Marília Xavier Cury, na *Revista Musas*, “é sujeito quando conquista seu espaço e seu tempo” (2009, pág. 87). Assim, as bordadeiras pacientes do Caps veem na frequência aos encontros semanais um elo com a vida da cidade e com o que ela traz. Citando ainda Mário Chagas, “acionar a sua potência de vida, a sua possibilidade de produzir identidade, coesão e dignidade pessoal e social” (2015, pág. 191.)- é o que almejam as bordadeiras pacientes dos Caps Ouro Preto.

Outro perfil de mulheres que procuram as aulas de bordado da FAOP são as idosas, a maior parte delas já aposentada, viúva, divorciada ou solteira. Muitas das bordadeiras têm faixa etária acima de setenta anos, algumas nunca trabalharam fora de casa, já outras tiveram profissões variadas e estiveram ativas dentro do mercado de trabalho.

Com a turbulência da vida e a liquidez dos acontecimentos, muitas dessas idosas não se sentem capazes de acompanhar este ritmo que a Modernidade impõe. Acabam se sentindo sozinhas e isoladas pelos próprios familiares, na maioria das vezes, e entram num processo de depressão. O mesmo corpo das criaturas submissas ao regime do patriarcado, à domesticação por parte do pai, dos filhos e marido ainda rege essas mulheres.

Assim, durante sua vida, as pessoas constroem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em diferentes contextos e situações. A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais (LONDRES, 2000, pág. 07 )

Lembremos do que disse Ruth Benedict, “O que realmente liga os homens entre si é a cultura” (1970, pág. 508) – entendemos a cultura como identidade. Acostumadas a administrar a casa, a solucionar as dificuldades do cotidiano com a esperteza de quem

conhece bem esse território, afinal, foram anos de dedicação ao ambiente doméstico e à família – muitas enviuvaram ou viram os filhos crescerem e se casarem, buscando outros interesses.

Assim como o bordado é uma técnica de saber-fazer transmitida de geração a geração desde que os colonos portugueses chegaram nas Minas Gerais, as regras comportamentais femininas também, ou seja, a Cultura faz com que as pessoas se aproximem e se reconheçam. As mulheres acima de setenta anos não foram buscar sua autonomia, não se voltaram contra seus criadores, a maior parte não teve o privilégio de estudar, de arregaçar as mangas e dizer “com licença, e vou à luta!”. Aquelas que puderam estudar, só o fizeram para que se tornassem professoras dos homens, pois estes deviam estudar, destinando-os à intelectualidade. Cláudia Chagas, em sua pesquisa, defendeu que:

Os corpos são marcados por acontecimentos vividos e muitas vezes não compreendidos, pelas ações de outros sujeitos que marcam e controlam corpos. Podemos, talvez, dizer que o corpo vai sendo a encarnação de múltiplos cotidianos numa *rede de subjetividades* (SANTOS, 1989, apud CHAGAS, 2007, p.7)

Então, o casamento, o sacrifício pela criação dos filhos ou pela dedicação a cuidar dos pais carimbou no corpo dessas senhoras várias escritas masculinas e a aceitação do arbítrio unilateral e machista.

Para estas bordadeiras que passam dos sessenta, setenta anos, sair de casa e participar do grupo de bordado passou a ser um ato político em favor da liberdade e da visibilidade, uma transformação social.

Então, essas mulheres buscam nos encontros semanais de bordado o convívio com outras mulheres - mais jovens ou mais velhas – elas sentem que sua experiência humana tem relevância e importância, porque há um estado de comunhão entre as bordadeiras, como se fosse uma relação de pertencimento construída há muitos anos. Esta relação é um bem para elas, a verdadeira noção de patrimônio, assim como Mário Chagas ouviu e passou adiante, “*O patrimônio é o caminho das formigas*” (CHAGAS, 2015). Então, o patrimônio não se constitui somente do que herdamos, mas do que construímos no presente, e o grupo de Bordado está na seara da Museologia Social – o patrimônio também são as relações afetivas daquele coletivo . “A comunidade é um grande bem, como uma coisa boa que a todos afeta

e, por isso, deve ser preservada, transmitida e recebida de modo diacrônico e sincrônico” (CHAGAS, 2015, pág. 192).

Nos encontros de bordado, as mais jovens reconhecem nas bordadeiras idosas a guardiã dos saberes culturais, isto é, a vivência transcorrida dentro do ambiente doméstico não é depreciada, é afirmada como acúmulo de conhecimentos, um patrimônio a ser preservado e transmitido como conhecimento tradicional.

Se por um lado não há patrimônio sem relação, sem partilha social ou sem código social partilhado; por outro, considerar que o ‘saber que a gente é uma comunidade’ constitui um patrimônio sugere a compreensão de que a relação em si mesma é patrimônio e que, portanto, é a relação que deve ser cada vez mais valorizada e partilhada. (CHAGAS, 2015, pág. 192)

No artigo, “*Um Olhar Sobre a Velhice em ‘Sangue da Avó Manchando a Alcatifa’, De Mia Couto*”, a autora Maria Aparecida do Nascimento Dias diz que o poeta Amadou Hampaté-Bâ, do Mali, conta que na África quando morre um idoso é como se fosse queimada uma biblioteca, porque uma das vantagens de se viver muitos anos é a grande aquisição de conhecimentos e experiências:

Nesse sentido, os idosos configuram-se como guardiões da memória e tudo que por eles é contado, deveria ser avidamente ouvido e preservado com muito zelo pelos mais jovens. Assim, o ancião é símbolo de autoridade e ocupa um lugar bem definido dentro de sua categoria social: repassar a sabedoria dos antepassados e perpetuar a cultura. (DIAS, 2014, pág. 1)

As tradições muitas vezes são transmitidas oralmente, ou seja, a palavra é a ponte entre os ancestrais e os mais novos, principalmente, se os mais velhos não tiveram acesso à escrita e leitura. A contação de histórias sempre seduziu as pessoas, os mais novos se reuniam e se sentavam próximos aos anciãos para ouvirem dos lábios destes narrativas mágicas, o hábito de contar histórias sempre aproximou e encantou as pessoas. Quando chovia muito e a luz elétrica ia embora, todos se reuniam em redor da lamparina, vela ou fogueira para ouvirem os mais velhos e se entreterem com suas histórias a fim de espantar o medo da chuva. Quando alguém adoecia na roça, muitas vezes era levado a um benzedor, porque ele tem o dom da palavra, da cura, assim muitos são curados de mal olhado, espinhela caída – ou de outros males que não exigem remédios comercializados. Os indígenas têm um grande respeito e admiração para com seus ancestrais, porque conversam, escutam, entendem,

curam também com a palavra. Observa ainda Dias, em seu artigo que as relações não são as mesmas nos espaços, como vilas e cidades:

Na cidade acontece o contrário: os filhos adquirem novos hábitos pautados no consumismo e na modernização. Sentam-se ao redor da tevê para adquirir as informações necessárias e o idoso, nesta situação, não tem “muita valia” no que se refere ao grau de importância da sabedoria que ele guarda para transmitir aos outros. (DIAS, 2014, pág 01 )

No passado, os filhos estavam próximos e protegidos, as famílias se reuniam à mesa para as refeições, havia a sensação de harmonia do lar. Assim, os pais e os avós se sentiam importantes e respeitados. É lá nesse lugar que não mais alcançamos que nossas memórias são mais felizes:

Antes da inserção desses aparatos tecnológicos, o idoso era visto como uma fonte de sabedoria e, por consequência, digno de atenção redobrada por parte das outras pessoas, visto que todo o aprendizado e experiências já vividos pelo ancião eram ensinados aos mais jovens com o intuito de as novas gerações propagarem os hábitos comuns da comunidade. (DIAS, 2014, pág. 3)

Com os projetos tecnológicos, como celulares, tablets, computadores e um milhão e meio de aplicativos que são liberados a partir desses atrativos de última geração, os filhos pouco dão atenção aos pais, aos avós, isto é, aos seus ancestrais. Novos interesses, compromissos fazem com que os anciãos recebem pouco carinho e cuidado dos filhos e netos justo na fase em que, provavelmente, mais necessitam. Assim, esses idosos experimentam um sentimento de exclusão muito grande dentro da própria casa, perdendo a disputa para os celulares, tablets, televisores e computadores – que se tornam mais atrativos. Seguindo este raciocínio, lembremo-nos do filósofo cearense Belchior que nos avisou o quão a juventude é perversa e o que era novo hoje é antigo. No momento presente, muitos pais, principalmente, os já idosos são esquecidos em casa, recebendo tanta atenção quanto um móvel. Com a fluidez do tempo, cada um seguiu seu rumo. A tecnologia moderna veio para poupar tempo e, no entanto, consome todo nosso tempo, inclusive, o de visitar e olhar nos olhos de quem amamos, tempo de escrever e enviar cartas, tudo mecanizou-se.

No caso das bordadeiras idosas que procuram as aulas de bordado da FAOP, quase todas o fazem porque se sentem sozinhas – assim, o grupo de bordado é um alento, uma festa no coração e na alma, um encontro de poucas horas semanais, mas que preenche um espaço há

muito vazio. Uma aluna disse “Aqui estou aprendendo a desenhar e bordar, quando vou pra casa, eu bordo e não me sinto só, parece que estou na companhia de todas daqui, estou levando um pedacinho de todo mundo comigo.” Assim, o bordado para elas ocupa a mente e transporta para outro mundo, que não a depressão, que não a solidão.

### 2.3 - Bordado e Memória

*“Cadê meu caminho? A água levou  
Cadê meu rastro ? A chuva apagou.  
E a minha casa? O rio carregou.  
E o meu amor me abandonou.  
Voou, voou, voou. Voou, voou, voou  
E passou o tempo e o vento levou”  
(Passarim, Tom Jobim)*

Dona Helena é uma das alunas mais novas da FAOP, ou melhor, uma das mais recentes alunas matriculadas. Tive o prazer de fazer o meu Estágio Obrigatório I e conhecer Dona Helena, que hoje deve ter seus 72 anos. Muitos idosos como ela permaneceram muito tempo em casa, resolvendo as tarefas do lar, cuidando dos filhos e filhas e aprendendo a administrar um casamento. Há alguns anos, as famílias viviam de forma mais modesta, havia menos roupas, menos móveis em casa, poucos lares eram ricos o suficiente para terem em suas salas aparelhos de televisão. Os utensílios, as roupas, sapatos, os raros brinquedos - tudo que era necessário adquirir nas lojas da cidade durava muito tempo, ou seja, comprava-se pouco, portanto menos consumismo. Era uma época de mais dificuldades, por exemplo, as pessoas plantavam mais e grande parte dos seus alimentos vinha do que cultivavam nos quintais das casas; os filhos estavam pequenos e por perto - a percepção do tempo era outra. Por isso, temos a sensação de que o passado era melhor, temos a sensação de que os problemas eram menores e mais fáceis de serem resolvidos – porque, na verdade, distanciamos-nos do passado, não se enxerga da mesma forma que viveu. Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1990), afirma que o passado já não é o mesmo que vivenciamos, distanciamos-nos da situação desfocada e reeditamos com as experiências que adquirimos com o tempo, quase uma ilusão de ótica.

O passado representa um frescor quando nos colocamos no presente, é para o acertado que desejamos fugir quando nos sentimos perdidos e pressionados pelas situações atuais – o passado pode nos trazer conforto e aceitação. É como se o exílio no passado, o conforto que o passado nos traz, isolasse-nos do despreparo com o presente, com a falta de manejo que as situações difíceis nos impõem. Willi Bolle, sob organização de Antônio Augusto Arantes, relaciona as memórias voluntárias que não queremos abandonar à moderna tecnologia, detalhando a cena do lendário filme de Flash Gordon:

Para um indivíduo cuja cultura sofre ameaça de destruição, uma arma eficiente de resistência é a memória afetiva. Dela é que depende a preservação da identidade, sua ou a do seu grupo; ela é o núcleo de sua personalidade. Isso pode ser ilustrado pela cena de um filme Flash Gordon: no momento em que o herói é preso, uma das coisas que seus inimigos tentam fazer é esvaziar a sua memória. O cérebro é ligado a um computador e, muito rapidamente, passa todo o “filme” de sua vida – os instantes afetivamente significativos, para serem apagados. O mecanismo a serviço da memória voluntária procura liquidar o indivíduo, esvaziando-o de sua memória involuntária. (BOLLE, 1984, pág. 15)

E esta negação ao presente em favor do passado desencadeou um processo pelo não apagamento da memória, pelo não confinamento da memória apenas nos lugares mais oficiais, como cemitérios, igrejas e museus.

O patrimônio transcende gerações e ambientes, levando-se em conta que o que herdamos dos nossos pais, avós - é patrimônio. E é em favor desse passado, pela resistência e preservação deste pretérito (im)perfeito que os processos de manifestações culturais vão se mantendo na sociedade atual, para que não haja ruptura declarada entre os dois tempos. Talvez por isso, as bordadeiras encontrem acolhimento e afeto ao bordarem suas memórias nos tecidos, ou seja, estão utilizando os saberes tradicionais que aprenderam a dominar devido à imposição masculina – e estão sabiamente usando a História em seu favor.

São nessas preciosas horas de bordar em grupo que o sentido de ‘patrimônio’ é dilatado – porque essas senhoras, como Dona Helena, aprendem a importância de preservar suas memórias sem negar a riqueza do presente. A noção da fluidez do tempo traz a necessidade de cuidar do presente, de também preservar o presente, porque aquele grupo de bordado passou a ser um bem coletivo e o ofício de bordar está na esfera do intangível - e porque daqui a pouco as horas felizes em grupo já se tornam também passado. Fundamentando esta lógica do cuidado com o presente, das amizades desenvolvidas em coletivos, Mário Chagas desloca o patrimônio para o agora:

A conversa com a amiga é um patrimônio. Aqui se explicita de modo contundente, a dimensão relacional de patrimônio. Só há patrimônio onde há a relação e a conversa, é a afirmação da potência da relação. É na relação no encontro, na vivência e na convivência que o patrimônio se constitui, se enraiza e adquire sentido. De outro modo: é no cotidiano, no dia a dia, que o patrimônio se revela, se afirma e se confirma.” (CHAGAS, 2015, pág. 190)

Mesmo bordando em grupos, as memórias das bordadeiras não permanecem intactas, haja vista os anos passados – é impossível detalhar com precisão tudo que vivemos - é uma luta vã- até porque não somos mais aquele ser que vivenciou a situação. O que restaram são vestígios dos acontecimentos e, agora, no momento presente, pode-se conduzi-los conforme o novelo da memória vai liberando o seu fio condutor. E as memórias estão todas entrelaçadas, segundo Halbwachs (1990), as memórias dos familiares, do grupo.

Em *Poéticas da Diversidade* (2002, pág.307), Lourenço confirma a busca pela captura da memória e o papel dos grupos sociais “buscam reconstruir e recompor os fragmentos de seu passado ao narrá-lo, a fim de se conciliar com sua história pessoal e coletiva”. Os encontros de bordado, então, são como um grande molde comum, ou um grande gabarito de bordado pertencente a todas, em que as bordadeiras vão ali tecendo e experimentando seus pontos. Maísa Ferreira de Souza, em *O Bordado como Linguagem na Arte-Educação* (2012) trouxe a lembrança do que seja a ‘bandeira de pontos’ ou o ‘gabarito’, ou seja, um tecido servindo como mostruário de pontos. Neste pano, as bordadeiras vão reafirmando vários pontos, como forma de treinar, impregnar e não esquecer. Muitos ‘gabaritos’ ou ‘bandeira de pontos’ são expostos em molduras, gerando belos quadros.

Comparemos a memória à reserva técnica de um museu: para montar uma exposição, são necessários elementos que comuniquem ao leitor/visitante o propósito daquele evento, assim, muitos objetos são escolhidos e retirados da reserva técnica do museu. A memória voluntária cabe na exposição, é o que é anunciado. E o medo de não poder acessar mais essas lembranças promove os coletivos como símbolos de resistência, é para onde se convergem as identidades, constituindo-se patrimônio. Em *A Antropologia dos Objetos*, o antropólogo José Reginaldo dos Santos Gonçalves aborda as subjetividades do patrimônio, “Cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente o seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória” (2007, p.214). Assim, o grupo de bordado da FAOP é um coletivo que auxilia no processo de formação da memória coletiva, como o grupo das Mariquinhas, de Belo Horizonte.

Quando estagiei na FAOP, em 2018, Dona Laura era recém-matriculada. A senhoria de cabelos brancos e de voz forte subia as escadas do Núcleo de Artes pontualmente às 9 horas, muito raramente, Dona Laura faltou ou se atrasou. Avó, ela sempre bordou com o intuito de

presentear o casal de netos. Os bordados da Avó eram coloridos, festivos e contavam da infância antiga, à medida que enfeitava os tecidos com linhas e desenhos de outrora, Dona Laura furtivamente avançava em direção ao passado pincelando alguma lembrança da sua memória involuntária. No momento em que os tecidos descansavam sobre a mesa para as bordadeiras irem lanchar, era fácil reconhecer, entre tantos, os bordados de Dona Laura, porque aquilo que criamos tem algo a respeito de nós. Impregnamos com nossa identidade aquilo que manipulamos e construímos, principalmente, se for trabalhado na calma. Em *A Antropologia dos Objetos*, Gonçalves serve-se de Annette Weiner :

Nós usamos objetos para fazer declarações sobre nossa identidade, nossos objetivos, e mesmo nossas fantasias. Através dessa tendência humana a atribuir significados aos objetos, aprendemos desde tenra idade que as coisas que usamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre quem buscamos ser. (...) Estamos intimamente envolvidos com objetos que amamos, desejamos ou com os quais presenteamos os outros. Marcamos nossos relacionamentos com objetos (...). Através dos objetos fabricamos nossa auto-imagem, cultivamos e intensificamos relacionamentos. Os objetos guardam ainda o que no passado é vital para nós. (...) não apenas nos fazem retroceder no tempo como também tornam-se os tijolos que ligam o passado ao futuro.” (WEINER 1987, apud GONÇALVES, 2007, pág. 159).

Isto significa dizer que Dona Laura presenteava os netos com algo dela. Os bordados tinham uma ‘aura’, segundo Walter Benjamin, isto é, objetos únicos e raros que nos transportam para outro mundo, abrindo o portal do tempo. Assim, quando os netos pusessem os olhos nos detalhes, no desenho, na ornamentação feita à mão naquele tecido, num átimo de segundo, lembrariam da Avó. Em 2018, no curso de Museologia, o professor Leandro Brusadin foi convidado para discorrer sobre ‘dádiva’, segundo Marcel Mauss, para a turma 2016.2 - “*Misturam-se coisas nas almas e almas nas coisas*”, relacionando este autor com o bordado de Dona Laura percebemos que muito das memórias pessoais da bordadeira, muito de si segue acompanhando o bordado aonde quer que ele vá.

## 2.4 – O bordado como expressão artística

*“Eu vi uma maravilha  
Vi o rosto de uma ilha  
Numa noite de luar  
Êta luar,  
Lumiou meu navio  
Quem vai lá no mar bravio  
Não sabe o que vai achar”.*

**(Lenine, Joarez Tavares)**

No jornal A Folha de São Paulo (2016 “Cotidiano”, Gabriela Malta), a matéria *Bordar, Tricotar e Curar – atividades manuais ajudam na autoestima e na redução de dor, ansiedade e pressão arterial, dizem estudos, ‘Na psiquiatria essas atividades fazem toda a diferença, como no tratamento de depressão, ansiedade e esquizofrenia, mas há benefícios também na clínica médica’* apresenta relatos de pessoas curadas pelas artes manuais. Em consonância com a matéria, a médica Nise da Silveira aplicava a concepção artística nas clínicas de psiquiatria em que trabalhava.

José Leonilson Bezerra Dias foi pintor, escultor, costureiro e bordava – muitas de suas peças testemunham subjetivamente as situações por que passou, principalmente, depois de contrair o HIV. Filho de proprietário de loja de tecidos e de uma bordadeira, ele produziu suas peças bordadas como uma cartografia corporal, confirmando a reflexão de Tolendal “O processo de bordar é descrito como oportunidade de construção de identidades” (2004, pág.11)

Quem assistiu à peça Bispo, com o ator João Miguel, pode compreender um pouco do universo esquizofrênico do marinho e artista-plástico Arthur Bispo do Rosário - que bordava pedaços de suas memórias com os fios do cobertor, com os cadarços das botas dos colegas marinheiros - eram nomes de pessoas, lugares, situações vividas e imaginadas. Quando o termômetro da agressividade chegava ao limite, já que as oscilações de temperamento eram constantes, Bispo ficava internado dentro do próprio navio e produzia inúmeras peças. Para justificar a produção das peças, Bispo dizia ouvir vozes – ele preparava longos mantos para ver Deus no juízo final. As narrativas nos tecidos faziam muito sentido para ele. Pesquisando a representatividade do bordado, Bouty e Reinaldo apontam:

A tradução de narrativas orais, literárias e pessoais por meio do bordado é o ponto em comum nas peças de todos elas. São imagens únicas que estão de cenas lidas, vividas ou ouvidas. Os pontos de bordado são as letras que narram as histórias no tecido. (2016, pág 07)

Desta forma, pode-se comparar o caso do artista Arthur Bispo a uma das bordadeiras do grupo que encontrou na arte do bordado uma forma de corresponder-se com o mundo. Ela também começou a bordar sua história de vida em vida, depois que perdeu o filho afogado em uma cachoeira próxima a sua casa. A dona de casa passou a frequentar o Caps de Ouro Preto, porque estava muito deprimida e os remédios faziam pouco sentido para controlar a desestabilidade emocional. Do Caps, ela foi direcionada para a FAOP. Que riqueza para o grupo de bordado do Núcleo de Artes! Nos encontros semanais, ela aprendeu a bordar. Para sair da profunda tristeza e solidão, ela criou *A Menina dos Cabelos de Flor* – que diz muito dela, como diz Santos Gonçalves (2007, pág. 222) “Na medida em que é pensada como uma extensão do corpo do seu proprietário, ela o acompanha em seus diversos deslocamentos sociais e simbólicos”. Assim, esta *menina* pode ressignificar sua vida, sua razão de existir e resistir, levando a bordadeira a expressar-se artisticamente, tanto que seus bordados foram motivos de diversas exposições. Esta é uma grande e temível travessia, ‘*o diabo na rua, no meio do redemoinho*’, profetizava Riobaldo, protagonista de *Grande Sertão : Veredas*, de João Guimarães Rosa. O momento em que há composição das cenas vivenciadas ou imaginadas e garimpadas da memória coletiva ou individual, há um pacto com a solidão e sua intimidade – e por conseguinte – há identidade entre autor e peças, exatamente como Tolendal refletiu - como Leonilson que endereçava a ele mesmo sua cartografia corporal e Bispo que tecia um manto em que bordava os nomes de conhecidos a fim de ter o passe livre para ele e os seus quando fosse ver Deus. A transposição para os tecidos dos lutos por que passamos em vida é como agarrar-se freneticamente a uma tábua de salvação. Mas o processo artístico pode surgir também das alegrias, dos festejos. Chagas (2007, pág. 9) diz que, “Para o/a artista, o bordado é uma redescritção do mundo, não ornamento, produz imagem, signos e linguagens”. Portanto, as artes representam, não através da conformidade dos signos verbais, mas, sim, além das imagens, símbolos e leituras possíveis que se podem extrair das peças.

### 3- O Grupo Mulheres de Fibra: O Patrimônio no bordado

*[...] “buscou valorizar o cotidiano da vida de mulheres que se mantinham anônimas, muitas vezes invisíveis, indizíveis, e trouxe à tona a história dessas vidas, deu visibilidade e legitimidade aos fazeres e aos saberes construídos cotidianamente através da experiência humana”. [...] (STIMAMIGLIO, 2010, p.29)*

Quando se comemorou 40 anos da conquista do título da Unesco considerando Ouro Preto como Patrimônio da Humanidade, ainda em 1980, as associações de bordadeiras da cidade tiveram seus saberes culturais legitimados pelo poder público municipal como Patrimônio Cultural Imaterial.

Os olhares governamentais se voltaram para as diversidades culturais a partir da Constituição de 1988, principalmente, no artigo 216 – quando reconheceu a intangibilidade do patrimônio. Assim, celebrações, manifestações populares, saberes tradicionais foram creditados tanto quanto os bens materiais. Mário de Andrade, relator do anteprojeto do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), buscou em vida que as manifestações populares relevantes - como identidade - daqueles atores sociais tivessem o mesmo *status* dos bens de ‘pedra e cal’, por exemplo, igrejas, museus e outras edificações barrocas. Aluísio de Magalhães, designer pernambucano e terceiro presidente do IPHAN depois de Rodrigo Melo Franco e Renato Soeiro, comungava com a democratização do patrimônio tanto quanto Mário de Andrade – por isso incluía os atores sociais como responsáveis para a preservação de suas tradições, ou seja, a comunidade é a maior é a grande responsável por proteger e transmitir sua cultura.

Enfim, na Constituição de 1988, foram os bens imateriais legitimados.

Para se legislar sobre a matéria e tomando-se como base o conceito , de "conhecimento tradicional", o Governo brasileiro vem atuando no sentido de identificar e proteger comunidades produtoras de conhecimentos singulares, específicos e únicos, seja na área dos "conhecimentos tradicionais" sobre usos das espécies da natureza, seja na área da produção do artesanato e de outras formas culturais. Prevalece a ideia de proteção ao "saber-fazer" (ABREU, 2010. p.68)

Regina Abreu aponta para a Educação Patrimonial, resgatando a trajetória da intangibilidade a partir do artigo 216, da lei magna de 1988. Como a Unesco e outros órgãos internacionais manifestaram preocupações com a possível extinção dos saberes tradicionais, foi criado o programa ‘Tesouros Humanos Vivos’, em que os atores sociais afetados diretamente pelos conhecimentos singulares de seus núcleos, tornassem-se multiplicadores e protetores de tais conhecimentos. Muitas políticas públicas verteram-se para este cuidado. Assim, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) criou os 4 livros em que são identificadas as manifestações culturais com o objetivo da legitimação de seus registros: Livro dos Saberes, Livro das Formas de Expressão, Livro das Celebrações e Livro dos Lugares. A partir da identificação desses saberes únicos, o Estado juntamente com a própria comunidade implementou ações visando à preservação dos bens reconhecidos – em consonância com a perspectiva de Aluísio Magalhães e Mário de Andrade. E, segundo Regina Abreu, (2010, pág.66 ), “Preservar o diverso, o diferente, o singular passou a ser um exercício de proteção à diversidade das culturas em um mundo com tendência crescente à homogeneização” – portanto, foram criadas e desenvolvidas políticas públicas em níveis federais, estaduais e municipais com os objetivos de identificar, celebrar e valorizar as diversas culturas existentes.

O bordado do município e distritos é um conhecimento remoto em que são manifestadas as identidades e paisagens culturais locais - cabendo, assim, sua inscrição em dois livros de registros de bens imateriais, dos Saberes e como Formas de Expressão. Muitas associações foram agraciadas com o título de Patrimônio Cultural Imaterial, indo ao encontro das iniciativas governamentais “as políticas de memória passam então a buscar dar voz a esses que estão à margem, fazendo assim uma museologia da margem”. (Revista Musas, 2009, p. 159). Destarte, com a representatividade muitas bordadeiras saíram do anonimato, afirmando que o bordado, além de arte e artesanato, é fonte de renda e manutenção econômica de grupos e familiares da Região dos Inconfidentes.

Uma das associações agraciadas com o título é o Grupo Mulheres de Fibra, de Cachoeira do Campo. A idealizadora e diretora do grupo, Sarah Macfaden também é formada pela Escola Guignard. O Grupo Mulheres de Fibra existe há mais de dez anos e já reuniu muitas bordadeiras locais que, a princípio, não sabiam bordar e hoje dominam muito bem vários pontos. As peças produzidas pelo grupo têm como inspiração as paisagens mineiras.

A paisagem cultural é uma categoria específica de Patrimônio Cultural e o instrumento jurídico para sua proteção e preservação recebeu do IPHAN a denominação de chancela. A Região dos Inconfidentes, embora não tenha a chancela de Patrimônio Cultural é conhecida e apreciada por muitos turistas e moradores.

O recorte espacial é estabelecido a partir de uma condição peculiar e representativa de determinadas relações estabelecidas entre os grupos sociais com a natureza. Ou seja, do ponto de vista da preservação, o que identifica as paisagens culturais a serem protegidas é o caráter peculiar dessa relação tecida ao longo do tempo e que se revela a partir das formas específicas de uso e apropriação da natureza pelo trabalho humano. Essas relações podem tanto materializar-se na sua morfologia, como podem ser explicitadas por meio de valores que lhe são atribuídos socialmente (Scifoni, 2010, pág. 1)

Então, a partir do pensamento de Scifone, a paisagem cultural reverbera entre os moradores, influencia no jeito de vestir, no comportamento, no que ele transmite e nas suas manifestações culturais. Assim pensando, os habitantes da Região dos Inconfidentes têm com a natureza uma relação de dádiva sagrada, isto é, a natureza dá ao habitante o fruto, a paisagem bucólica, a religião, história - e o morador transforma esta oferta em outro produto, como Folia de Reis, Triunfo Eucarístico, licores e doces artesanais e – entre outras alquimias - como ‘lebrancinhas’ ou *souvenirs*. Ainda, segundo Scifoni, (2010, pág.1)

O enfoque da paisagem cultural permite, assim, superar um tratamento compartimentado entre o patrimônio natural e cultural, mas também entre o material e imaterial, entendendo-os como um conjunto único, um todo vivo e dinâmico. Permite compreender as práticas culturais em estreita interdependência com as materialidades produzidas e com as formas e dinâmicas da natureza.

Então, segundo a autora do verbete Paisagem Cultural, no site do IPHAN, a relação produzida entre moradores e o entorno paisagístico faz surgir devoções materiais e imateriais – que relacionam habitantes aos locais, chamando a atenção dos turistas. É como um processo de fruição e interpretação em um museu. O visitante/leitor se põe diante do patrimônio natural, observa, lê, reflete e busca assimilar ligações possíveis em seu cotidiano, é o modo como ele devolve, ou seja, exterioriza o que ele absorve que tem o poder de transformar certa natureza em Paisagem Cultural.

Assim faz o grupo das Mulheres de Fibra – procura uma identificação entre seus bordados e a região próxima de Cachoeira do Campo, por exemplo, os distritos de São Bartolomeu,

Glaura, Amarantina e Santo Antônio do Leite – distritos com grande potencial culinário. Como agora, em que as jabuticabeiras oferecem a fruta miúda, redonda e escura que é fonte de licores, molhos para carne, geleias, sorvete e vinho artesanais. No bordado do grupo, há registros deste momento do ano, a colheita das jabuticabas e o que ela representa para a região e seus habitantes. A paisagem cultural da Região dos Inconfidentes – montanhas, paisagens bucólicas, igrejas barrocas e tricentenárias, casarios, frutas, manifestações culturais - está inserida no bordado do grupo. A diretora do coletivo diz “O turista vem e quer levar um pedaço de Ouro Preto. Ele não quer mar, peixes, barcos, porque a gente tem a oferecer são as montanhas mineiras” – assim o grupo procura trabalhar também o sentimento de identidade para com o bordado. Por isso, o bordado da Região dos Inconfidentes constitui-se um documento, traz identidade, memória e pertencimento. Segundo Le Goff (1984, pág. 13), “Enquanto conhecimento do passado (cf. passado/presente), a história não teria sido possível se este último não tivesse deixado traços, monumentos, suportes da memória coletiva”. Isento de códigos verbais, no entanto, ele registra, prova, representa.

Há um processo de fenomenologia que é acionado quando o turista leva a peça do Grupo Mulheres de Fibra, isto é, aonde quer que o turista vá, ao ver o bordado ele rapidamente se lembrará da Região dos Inconfidentes e adjacências. É comum relacionar o bordado do ipê amarelo, por exemplo, ao próprio ipê amarelo. Parece que os dois são feitos da mesma matéria-prima, semente, tronco, flor. No entanto, não esqueçamos que um se compõe de linha e tecido; e o outro, recebe as bênçãos da mãe natureza. Um é ecofato e o outro, artefato, embora a correlação entre ambos, nesse caso, seja quase que impossível de ser desfeita. Quase. É assim o processo comunicacional dentro dos museus. Há uma proximidade fenomenológica perceptível entre obra e visitante. Assim, o bordado do Grupo Mulheres de Fibra provoca no leitor a produção infinita de signos a partir de um signo anterior, no caso, do bordado:

Signo é tudo aquilo que representa um objeto, que está no lugar de um objeto sem sê-lo de fato. De uma história que ouvimos, criamos signos mentais e transpomos para os tecidos outros signos, perpetuamente. Todo processo criativo envolve a relação e a tradução entre os signos. É através desses processos como a semelhança, a associação e a convenção, e a partir especialmente dos sentidos da visão, tato e audição, que os processos criativos tomam forma (BOUTY e REINALDO, 2016, pág 5) )

É sob esta perspectiva também, isto é, de acionar o invisível em decorrência do que é palpável que consideramos ‘uma coisa’ como patrimônio.

É uma forma de expressão, muitas vezes alheia ao signo verbal e constituindo, ainda assim, narrativa artístico-cultural. O bordado, além da imaterialidade que carrega, ou seja, histórias tristes, alegres, desabafos, aprendizados, memórias - no momento da concepção - também é materialidade, podemos tocar, sentir os pontos, a fibra, o tecido, inspirar o cheiro, ver as cores. É o que Marcel Mauss (2008, pág.205) entrega em “essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas homens e coisas, mas os seres sagrados que estão mais ou menos associados a eles” , porque também acredita que toda materialidade traz a imaterialidade, “a coisa vendida, ainda, carrega em si uma alma”, a manipulação, a trajetória da bordadeira. Para ele, a materialidade tem em si o dispositivo da imaterialidade, ou seja, mais uma vez o visível aciona o invisível. O bordado da Região dos Inconfidentes mereceu o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial, porque é uma escuta de saber-fazer processada de geração a geração desde o século XVIII com as esposas dos colonos portugueses – claro, há vários hiatos entre essas gerações de mulheres. Por exemplo, no Museu da Inconfidência, há um bordado atribuído a Marília de Dirceu e, entre estas flutuações temporais, ou seja, século XVIII para o XX, há uma indelével ruptura. Nem todas as mulheres destes séculos bordaram e sequer transmitiram este saber - como se falou a princípio, o bordado segue a espiral do tempo, ora o bordado é uma prática muito requisita, ora pouco lembrada. Assim, o bordado também constitui-se em ‘tradição inventada’, ou seja, uma prática nascida no passado, no século XVIII nas Minas Gerais, que sofre as rupturas do tempo, mas que, recentemente, é revisitada com frequência. Insistentemente, repete-se que o bordado acompanha gerações e mulheres a fio – é a estratégia para dar ‘liga’, ou melhor, nó a esta receita. Vejamos :

Por “tradição inventada”, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, vism inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1984, 10)

É preciso reconhecer que a prática do bordado na Região dos Inconfidentes atravessa gerações simultâneas de mulheres para, enfim, legitimar o discurso deste saber e ofício como Patrimônio Cultural Imaterial. Assim, a imagem vem antes do imaginário.

Repetidamente constrói-se e reconstrói-se o imaginário através da repetição da imagem. Como um processo de hipnose do qual não nos damos conta. Então, o instrumento legal para conferir o título propõe o jogo permanente do convencimento através da prótese da tradição. Os fins justificam os meios.

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracteriza-se por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. (HOBSBAWN, 1984, 12)

Através das repetições das imagens nos livros didáticos mostrando os indígenas como famigerados, de ídoles ruins, preguiçosos, atrasados e inimigos do ‘bom homem branco’ – é que se criou o imaginário a respeito dos povos originários. Através das repetições das imagens, os discursos são alimentados, interiorizados e, enfim, naturalizados.

E, conseqüentemente, o bordado patrimonializado adquire *status* e ganha valor mercadológico, porque o patrimônio dá publicidade e espetaculariza o bem cultural.

Não é à toa que o ofício das associações de bordadeiras da Região dos Inconfidentes foi agraciado com o título de Patrimônio Imaterial pela prefeitura municipal de Ouro Preto, através da Secretaria de Cultura e Patrimônio.

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em “patrimônio”. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas, estruturas urbanísticas, em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de “representação” que funda a memória e a identidade. (GONÇALVES, 2007, p. 219)

## Conclusão

A luta travada por Mário de Andrade para dar status de Patrimônio Cultural aos bens intangíveis, ou seja, as manifestações das culturas populares – prospera, afinal, depois de sua morte.

Com a Constituição Federal de 1988, enfim, os bens entendidos como intangíveis foram contemplados, mais precisamente no artigo 216:

Constituem Patrimônio Cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem:

I – Formas de expressão; II- os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Então, o IPHAN criou os Livro dos Saberes, Livro das Celebrações, das Formas de Expressão e de Lugares. – para que os bens intangíveis identificados pela comunidade e confirmados pelo poder público fossem inscritos e preservados. Lembremos que Aluísio Magalhães, ex-presidente do IPHAN, acreditava que os atores sociais da comunidade eram os verdadeiros guardiões da sua cultura, inclusive, seus legítimos transmissores. Assim, aconteceu com as várias associações de bordadeiras de Ouro Preto que, quando da comemoração dos quarenta anos do título concedido pela Unesco reconhecendo a cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade, viram seus saberes reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial pelos setores municipais responsáveis.

Elas buscaram o reconhecimento do ofício de bordar, porque dele emerge, além da materialidade, o discurso da herança cultural transmitida pelas esposas dos primeiros exploradores portugueses em solo mineiro; a identidade com o modo de vida local e a memória eternizada nas leituras dos bordados – valendo-se da transmissão deste saber fazer.

Destarte, pela pesquisa, bem se vê que os bordados encontram ressonância no contexto social em que são produzidos. No artigo Ressonância, Materialidade e Subjetividade, José

Reginaldo Santos Gonçalves refletiu como a materialidade reverbera e produz seus discursos, fazendo com que materialidade e imaterialidade se complementem e ressoem a identidade local. Em especial, as bordadeiras do Grupo Mulheres de Fibra têm a temática da paisagem local como foco, são representados em suas peças o cotidiano local, como a colheita de jabuticaba pelos moradores na região de Cachoeira do Campo e as crianças brincando no adro das igrejas tricentenárias tombadas pelo IPHAN. Assim, fixam-se almas nas coisas e coisas nas almas, ou seja, cada peça de bordado do grupo é uma amostra da paisagem cultural da Região dos Inconfidentes.

Por sua vez, o grupo de bordado da FAOP é o próprio Patrimônio Cultural Imaterial, estando intrínsecas no universo do grupo as relações entre as bordadeiras. É naquele curto espaço de tempo das aulas que as afinidades se encontram. O convívio de 4 horas semanais entre as bordadeiras mais novas e as mais velhas desperta a autoestima, a vontade de longevidade, o respeito e a curiosidade pelos saberes culturais enlevados pela memória. A troca de experiências entre as mulheres do grupo faz-se no dia a dia das aulas, é um patrimônio em constante manutenção, construído a cada novo encontro do grupo. Mesmo para as pacientes do Caps, as aulas vão tecendo prosas, conversas, situações que podem vir a desaguar na recondução ao convívio social. O grupo de bordado é para cada uma das participantes o patrimônio – assim, este bem, além de ser herdado das bordadeiras anteriores que passaram pelo coletivo, é também atual, o patrimônio faz-se na sucessão dos dias. Das aulas de bordado, surgiram também obras de grande expressividade artística despertando biografias de gentes do interior para o mundo das artes, como a bordadeira Conceição Aparecida Romualdo Magalhães que teve seus bordados revelados em exposições na Casa dos Contos e na FAOP, comprados por turistas e apreciadores da arte.

Como Aluísio Magalhães destacou, ainda antes de presidir o IPHAN – à frente do CNRC (Centro Nacional de Referências Culturais), as manifestações populares precisam ser identificadas, registradas, valorizadas e preservadas. O pensamento deste designer pernambucano foi ao encontro dos objetivos de Mário de Andrade e deve reverberar nos dias atuais, por exemplo, entre as possíveis ações dos órgãos municipais responsáveis pelos registros dos bens intangíveis.

É necessário um contínuo processo de políticas públicas voltadas para os saberes da Região dos Inconfidentes, em especial, dos bordados. Juntamente com as associações de bordadeiras, os órgãos devem organizar exposições de longa duração das peças bordadas, já que as exposições buscam valorizar e dar publicidade ao patrimônio. Destes circuitos expositivos, muito provavelmente, surgirão pesquisas que ecoarão entre os moradores de Ouro Preto, como também dos visitantes da cidade, revelando a historicidade dos bordados e retirando do anonimato muitas bordadeiras. Ainda é possível projetos transpondo as fronteiras da Educação e Cultura, isto é, aproximando este saber imaterial das escolas da cidade e dos distritos – oferecendo palestras e oficinas de bordado entre a comunidade escolar.

Além do registro, os órgãos públicos responsáveis devem ter para com as associações de bordadeiras de Ouro Preto compromisso de salvaguarda e divulgação desta herança cultural.

## Referências

ABREU, Regina. *A patrimonialização das diferenças : uso das categorias de “conhecimento tradicional” no contexto de uma ordem discursiva*. In: Inovação Cultural, Patrimônio e Educação, 2010.

BOLLE, Willi, organização Antônio Augusto Arantes. *Cultura, Patrimônio e Conservação* In: Produzindo o Passado: estratégias de construção do Patrimônio Cultural. Ed Brasiliense, SP, 1984.

BOUTY, Alessandra Marinho e REINALDO, Gabriela Frota Letras por um Fio: o gesto de fazer e a tradução intersemiótica da Narrativa Escrita do Romance O Quinze em bordado do Grupo Iluminuras, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SP, 2016.

BENEDICT, Ruth. Extraído de: PIERSON, Donald. 1970. Estudos de organização social – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social. São Paulo: Martins. p. 497-513.

CHAGAS, Cláudia Regina Ribeiro Pinheiro das. *Bordado como Expressão de Vida: Gênero, Sexualidade*. UERJ, 2007.

CHAGAS, Mário. *Patrimônio é o caminho das formigas*, Anais do Museu Histórico Nacional, vol. 47, Rio de Janeiro, 2015.

CORDEIRO, Tatiane Oliveira de Assumpção. *As dimensões da construção social do patrimônio no Museu Vivo do São Bento*. In: Gestão do Patrimônio Cultural – v. 32, n. 51 (Dez/2019)

CRAVEIRO, Flávia. *Escrituras Bordadas*, Editora C/Arte. Belo Horizonte – 2009

CURY, Marília Xavier. *O Sujeito no Museu*. In : Revista Musas, no. 4, Instituto Brasileiro de Museus, Rio de Janeiro, 2009.

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento *Um Olhar Sobre a Velhice em “Sangue da Avó Manchando a Alcatifa”*, de Mia Couto.UEPB

DULTRA, Karyna e VIEIRA, Márcia Polignano. *A Institucionalização do patrimônio Cultural in: Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.4, n.1, mar 2014

FERREIRA, ISABELA Karim Morais. *Bordando Histórias, construindo narrativas: um breve relato de estudos sobre a prática do bordado no Brasil*. UFRPE, 2014

FONSECA, Marília Cecília Londres . *Cartilha do Patrimônio Cultural Imaterial*, IPHAN, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Teorias Antropológicas e Objetos Materiais; O Espírito e a Matéria: o Patrimônio enquanto Categoria de Pensamento; A Obsessão pela Cultura; Ressonância, Materialidade e Subjetividade*. In: *Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*. Rio de Janeiro/2007 Coleção Museu, Memória e Cidadania

GUANAIS, Ana Paula Rocha Guanais. *O Fio da Memória na Tessitura de um Ofício*, PPGPSI-UFSJ/2013

HOBSBAWN, Eric. *A Invenção das Tradições*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: *Memória e História*. Volume 1. Casa da Moeda, Porto, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, Ed Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

MAUSS, Marcel. *Da Dádiva e, em especial, da obrigação de retribuir os presentes*. In: *Ensaio Sobre a Dádiva*, 2008.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. *Saberes Culturais, Memória e Identidade Social em Tempos de Modernidade*. In: *Entre o Rio e as Artes: uma cartografia dos saberes artístico-culturais emergentes das histórias de vida de jovens e adultos na Ilha de Caratateua*. UEPA, 2005

SCIFONI, Simone. *Verbetes: Paisagem Cultural* in: *Dicionário de Patrimônio Cultural IPHAN* . Acessado em: 13 de outubro de 2020

SOUZA, Máisa Ferreira de. *O bordado como Linguagem na Arte-Educação*, Brasília, 2012

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*, Editora Abril, São Paulo, 1983.

TOLENDAL, Eduardo José. *Estudos de Semiologia e Política: Breve Leitura de Texturas: Ensaio, de Vera Casa Nova*. Letras e Letras, Uberlândia, 2004

## 7. ANEXOS

### Anexo A

Foto 1 : “Cesta de linhas”



Marizabel Vieira Pacheco, 2015

Foto 2 : “Sinhá Olímpia brincando”



Marizabel Vieira Pacheco, FAOP, 2017

**Foto 3: “Entre tantas”**



**Marizabel Vieira Pacheco, FAOP, 2016**

**Foto 4 : “Bordados sobre a mesa”**



**Marizabel Vieira Pacheco, FAOP, 2016**

**Foto 5 : “Registro de uma tarde bordando com o Mulheres de Fibra”**



**Marizabel Vieira Pacheco, 2016**

**Foto 6: “Barroco em bordado”**



**Sarah Macfaden, 2017**

**Foto 7 : “Paisagem das jabuticabeiras em flor”**



**Sarah Macfaden, 2017**

**Foto 8 : “As memórias de Dona Helena”**



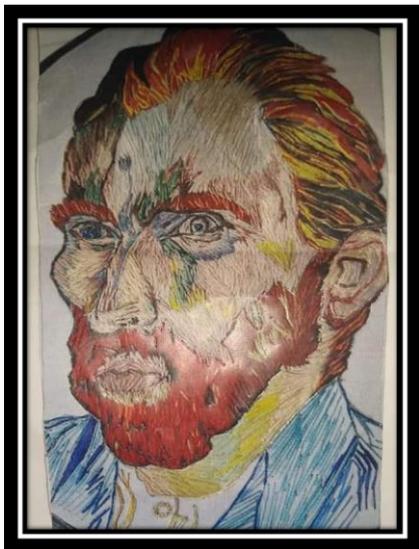
**Dona Helena entre os bordados, FAOP, 2018**

**Foto 9 : “Circo de Francisco”**



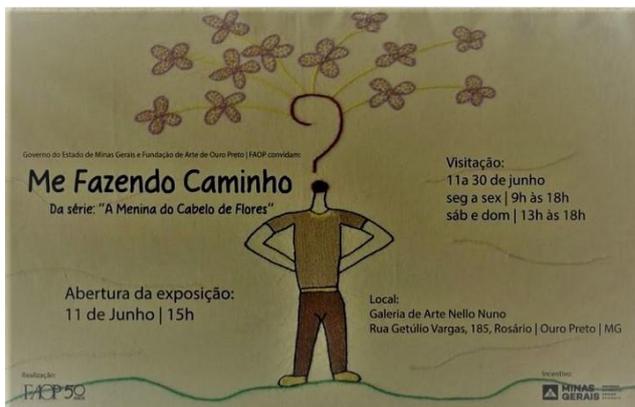
**Dona Helena, FAOP, 2018**

**Foto 10: “Van Gogh com Linhas de Expressão”**



**Conceição Aparecida Romualdo Magalhães, 2019**

**Foto 11 : “Cartaz da exposição organizada pela FAOP”**



**Conceição Aparecida Romualdo Magalhães, 2020**

**Foto 12: “Retrato de uma artista quando jovem”**



**Conceição Aparecida Romualdo Magalhães**

## ANEXO B:

# BORDAR, TRICOTAR E CURAR

Atividades manuais ajudam na autoestima e na redução de dor, ansiedade e da pressão arterial, dizem estudos

**MARIANA VERSOLATO**  
EDITORA-ADJUNTA DE "COTIDIANO"  
**GABRIELA MALTA**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Aos 23 anos, a fotógrafa Caroline Curti foi pega de surpresa ao descobrir que tinha um cisto no ovário direito e teria que fazer uma cirurgia de emergência para retirar o órgão e as trompas.

Foram quatro dias à espera da autorização do plano de saúde para fazer uma cirurgia minimamente invasiva. Como a situação pedia pressa e a resposta não veio, Caroline teve que se submeter à operação aberta, com um corte igual ao de uma cesariana. "Foi tudo muito traumático, me senti mutilada."

Dois anos se passaram e Caroline foi atrás de um projeto antigo: aprender a bordar. Assitiu a um curso do Clube do Bordado no fim de 2015 e decidiu que contaria sua história com um desenho de um útero sem o ovário direito.

"Quando terminei o borda-

do, fiquei muito emocionada. Ele ajudou a encerrar um capítulo. Foi um processo de aceitação do meu novo corpo como ele é, independentemente de ter uma cicatriz ou um ovário a menos. Foi como se eu dissesse: 'agora estou pronta para continuar'."

Para a designer Marina Dini, 29, que faz parte do Clube do Bordado, a atividade a ajuda a se concentrar apenas naquele momento, a relaxar e a tirá-la da frente das telas e do excesso de informações.

"É uma atividade que me traz calma e estimula a reflexão, principalmente quando estou ansiosa", diz.

Histórias como a de Caroline e Marina mostram como bordar e tricotar pode trazer benefícios para a saúde. E estudos e especialistas garantem que esses efeitos são maiores do que se pensava.

O cardiologista americano Herbert Benson, professor de medicina integrativa de Harvard, afirma que atividades como bordar e tricotar indu-



Marina Dini, 29, que diz que bordar a deixa mais calma

zem a um estado de relaxamento similar ao da meditação. Depois que se passa da curva inicial de aprendizado, elas podem reduzir os batimentos cardíacos, a pressão arterial e os níveis de hormônios ligados ao estresse.

Uma pesquisa da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá, com 38 mulheres com anorexia, mostrou que para mais de 70% delas a atividade reduziu a intensidade de medos e pensamentos sobre o distúrbio alimentar.

Outro estudo, publicado no "Journal of Neuropsychiatry & Clinical Neurosciences", apontou que praticar crochê e tricô reduz as chances de transtornos cognitivos leves e perda de memória. O estudo foi feito com 1.321 pessoas entre 70 e 89 anos.

A atividade também pode ajudar a reduzir a dor, segundo pesquisa com pacientes com dores crônicas do sistema público de saúde inglês.

Elko Perissinotti, ex-vice-diretor do Hospital Dia do

Instituto de Psiquiatria d USP, lembra ainda que atividades complementares reduzem o uso de opioides no tratamento de dor crônica.

"Na psiquiatria essas atividades fazem toda a diferença como no tratamento de depressão, ansiedade e esquizofrenia, mas há benefícios também na clínica médica."

Nenhum dos estudos, porém, desvendou por quais mecanismos esses benefícios surgem. Alguns pesquisadores especulam que as atividades manuais promovem o desenvolvimento de vias neurais do cérebro que ajudam a manter a saúde cognitiva.

Perissinotti vai na mesma linha. Para ele, essas práticas provocam uma espécie de reorganização no cérebro e na bioquímica cerebral.

"Ainda há uma pequena resistência à alta eficácia dessas atividades como aliadas, mas novos estudos vão mudar isso em um futuro breve."

Com o "New York Times"

Matéria no jornal Folha de São Paulo, 2016, "Cotidiano", Gabriela Malta

## ANEXO C : TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO-UFOP  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA-DEMUL



### Termo De Autorização e Compromisso de Uso de Dados Para Monografia Curricular-MUL201

Eu, Maria Antônia Fernandes  
após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado Conversa Fiada - o bordado enfeitando vidas  
que, para tanto, necessita  
coletar as seguintes informações selecionadas para o estudo:  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Marizabel Vieira Pacheco autorizo os pesquisador(es)  
a ter(em) acesso às informações  
referentes a/ou por mim fornecidas.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto.

Local e data: Cachoeira do Campo  
setembro de 2020

Maria Antônia Fernandes  
Assinatura do Responsável legal das informações e/ou imagens

**Termo De Autorização e Compromisso de Uso de Dados  
Para Monografia Curricular-MUL201**

Eu, Conceição Aparecida Romualdo Magalhães  
após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado  
CC Conversa Fiada - O bordado enfeitando vidas que, para tanto, necessita  
coletar as seguintes informações selecionadas para o estudo:  
TTC, autorizo os pesquisador(es)  
Marizabel Vieira Sadeco a ter(em) acesso às informações  
referentes a/ou por mim fornecidas.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto.

Local e data: Cachoeira do

Campo, 21 de Setembro 2020

CM Magalhães  
Assinatura do Responsável legal das informações e/ou imagens

**Termo De Autorização e Compromisso de Uso de Dados  
Para Monografia Curricular-MUL201**

Eu, Abrah Evelyn Macfadem Jones Bellagamba  
após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado  
Conversa Fiada: o bordado enfeitando vidas que, para tanto, necessita  
coletar as seguintes informações selecionadas para o estudo:  
Trabalho de Conclusão de Curso autorizo os pesquisador(es)  
Marizabel Nieve Pacheco a ter(em) acesso às informações  
referentes a/ou por mim fornecidas.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam  
respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução  
do presente projeto.

Local e data: Lachua do Campo  
10/09/2020

  
Assinatura do Responsável legal das informações e/ou imagens



**Termo De Autorização e Compromisso de Uso de Dados  
Para Monografia Curricular-MUL201**

Eu, Zenith Alves Inácio

após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado Comexa Fiada - O beribado enfrentando a vida que, para tanto, necessita coletar as seguintes informações selecionadas para o estudo: Trabalho de Conclusão de Curso autorizo os pesquisador(es) Margabel Vieira Pacheco a ter(em) acesso às informações referentes a/ou por mim fornecidas.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto.

Local e data: Santo Antônio do  
Leite, 10 de setembro  
de 2020

Zenith Alves Inácio  
Assinatura do Responsável legal das informações e/ou imagens

**Termo De Autorização e Compromisso de Uso de Dados  
Para Monografia Curricular-MUL201**

Eu, **Helena Tette Teixeira**, após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado CONVERSA FIADA - O BORDADO ENFEITANDO VIDAS que, para tanto, necessita coletar as seguintes informações selecionadas para o estudo: TCC (TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO), **autorizo** os pesquisador(es) MARIZABEL VIEIRA PACHECO a ter(em) acesso às informações referentes a/ou por mim fornecidas.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto.

Local e data: Ouro Preto, 30 de novembro 2020



Assinatura do Responsável legal das informações e/ou imagens